

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

SUELEN LOPES DE SOUZA

**UNIVERSIDADE NO BRASIL**

**Leituras**

CAMPINAS

2011

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

SUELEN LOPES DE SOUZA

**UNIVERSIDADE NO BRASIL**

**Leituras**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para a obtenção de título de bacharel em Pedagogia, sob a orientação da Profª Drª Águeda Bernardete Bittencourt.

CAMPINAS

2011

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA  
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP  
Rosemary Passos – CRB-8ª/5751

So89u Souza, Suelen Lopes de  
Universidade no Brasil: leituras / Suelen Lopes de  
Souza. – Campinas, SP: [s.n.], 2011.

Orientador: Agueda Bernadete Bittencourt.  
Trabalho de conclusão de curso (graduação) –  
Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de  
Educação.

1. Teixeira, Anísio, 1900-1971. 2. Ribeiro, Darcy, 1922-  
1997. 3. Vaz, Zeferino, 1908-1981. 4. Universidade  
Estadual de Campinas. 5. Universidade de Brasília. I.  
Bittencourt, Agueda Bernadete. II. Universidade Estadual  
de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

11-141-BFE

## FOLHA DE APROVAÇÃO

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Agueda Bernardete Bittencourt  
(Orientadora)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Helena Maria Sant'Ana Sampaio Andery  
(Segunda Leitora)

CAMPINAS, JULHO DE 2011.

*Aos meus pais, que ensinaram o caminho.*

*Ao Bruno, por caminhar ao meu lado.*

## **AGRADECIMENTOS**

*Aos meus pais, Cícero e Helena, que sempre presentes, foram referência para formação do meu caráter. Por terem apoiado meu processo educativo e compreendido que minha primeira saída de casa era necessária.*

*Ao Bruno, por entender minhas prioridades e me dar força. Hoje você se forma junto comigo, pois sempre o busquei nos momentos de dificuldade, me acalmando pelo simples fato de me ouvir.*

*Aos meus familiares pelo apoio, palavras e almoços de domingo. Meu eterno muito obrigado à Nereide e Joel, por ser parte da minha família e pelos lanches depois da aula.*

*Aos amigos que fizeram parte dessa história. Obrigada por entenderem minha ausência e suportarem minhas angústias. Mi, Neto, Cá, Bru, Kelly, Tutty, Ana Clara, Clau, Jaque, Paulinho, Flá, Ednalva, Wis... Vocês aliviaram minhas horas difíceis, me alimentando de conselhos, apoio, alegrias e vinho.*

*Aos amigos da faculdade, que tanto admiro, obrigada por compartilharem os grupos de trabalho, os livros, as longas conversas, festas, a casa, alegrias e incertezas... Dama, Du, Zé, Mari, Poly, Si, Aline, Gabi, Val.*

*A orientadora Agueda Bittencourt, pela grande paciência em ler e reler este trabalho. Com quem aprendi o fato mais importante da minha graduação: É preciso dedicação e esforço para a conclusão de um bom trabalho.*

*Aos amigos do grupo Focus por lerem e colaborarem na finalização deste.*

*A Professora Helena M. S. Andry, segunda leitora deste trabalho, que apesar de entrar na minha vida acadêmica somente no último semestre, veio para acrescentar significativamente na conclusão deste trabalho.*

*A todos os professores da Faculdade de Educação da Unicamp, que contribuíram para meu crescimento acadêmico.*

*Aqueles que, mesmo indiretamente, contribuíram para que eu chegasse aqui.*

*A todos meu carinho e muito obrigada.*

*“A função da Universidade é uma função única e exclusiva. Não se trata, somente, de difundir conhecimentos. O livro também os difunde. Não se trata, somente, de conservar a experiência humana. O livro também a conserva. Não se trata, somente, de preparar práticos ou profissionais, de ofícios ou artes. A aprendizagem direta os prepara, ou em último caso, escolas muito mais singelas que as universidades. Trata-se de manter uma atmosfera de saber para se preparar o homem que o serve e o desenvolve. Trata-se de conservar o saber vivo e não morto, nos livros ou no empirismo das práticas não intelectualizadas. Trata-se de formular intelectualmente a experiência humana, sempre renovada, para que a mesma se torne consciente e progressiva. Trata-se de difundir a cultura humana, mas de fazê-lo com inspiração, enriquecendo e vitalizando o saber do passado com a sedução, a atração e o ímpeto do presente.” (Anísio Teixeira, 1935).*

## RESUMO

Este trabalho busca uma aproximação do tema universidades através da leitura de alguns autores de referência. Como e porque chegamos a construir o modelo de universidade que vigora hoje no Brasil? Qual o modelo de educação superior e com que interesses foi criado configurou-se na pergunta norteadora do trabalho.

Trata-se de um exercício de leitura sobre as discussões que antecederam a implantação da universidade desde os estudos realizados pela ABC (Academia Brasileira de Ciências) e a ABE (Associação Brasileira de Educação), passando pelos escritos de Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira acerca das primeiras escolas superiores no Brasil, até chegar à Universidade de Brasília e à Universidade de Campinas, a Unicamp.

**Palavras-Chave:** Universidade. Anísio Teixeira. Darcy Ribeiro. Unicamp. Unb.

# SUMÁRIO

Introdução	10
Cap.I Universidade no Brasil: discussões na ABE e ABC	13
Cap.II Universidades, por Anísio Teixeira	23
Cap.III Universidades, por Darcy Ribeiro	31
Cap.IV Unicamp, Universidade Estadual de Campinas	39
Considerações finais	56
Referências Bibliográficas	60

## INTRODUÇÃO

Ao longo do meu período de graduação, principalmente durante os estágios realizados, observei na fala de muitos professores em suas salas de aula, que a vantagem que se tem ao cursarem faculdade seria o diploma que os qualifica como aptos a serem professores, um atestado. Porém ao entrarem em suas salas de aula, toda teoria discutida ao longo da graduação não era útil para esse trabalho.

Essa acabou sendo minha grande dúvida: “por que universidade?”, “o que as pessoas buscam ao procurarem uma universidade”, “como e por que surgem as universidades?”. Foi nesse sentido que procurei compreender o movimento que temos ao longo da história do Brasil sobre o tema universidades. Como e porque temos universidade no Brasil, qual o modelo de ensino e com qual intenção a temos, para quem surgem as primeiras instituições.

Para entender a concepção desses tantos professores que buscam na universidade as respostas para seu trabalho, é preciso compreender os diversos papéis representados pelo ensino superior no Brasil.

As primeiras discussões que encontramos no Brasil em prol da Universidade são as discussões entre a Associação Brasileira de Educação e a Academia Brasileira de Ciências, sobre as escolas profissionalizantes já existentes e o desejo de progresso.

Nessas discussões observamos dois grupos de intelectuais, os que defendiam a formação profissionalizante e os que defendiam a idéia de Universidade Moderna.

A Universidade moderna origina-se de uma redefinição de sua própria idéia de instituição. Esse processo de modernização pode ser comparado a uma reforma universitária. Neste caso, alguns historiadores baseiam-se na prerrogativa do “Memorando”, redigido por Guilherme Humboldt em 1809, como resultado de um amplo debate que precede a fundação da Universidade de Berlim, em 1810. Ao sugerir diretrizes gerais e para o longo prazo, o Memorando esboça o roteiro que norteia o processo de criação dessa universidade.

O modelo de Berlim logo se impõe e se difunde rapidamente pelo mundo. De início na Alemanha, depois em toda Europa e América do Norte. Conseqüentemente, todos os países em que se criam universidades no modelo dito moderno ou se reformam as existentes, irão basear-se em Berlim. Berlim é ainda hoje a primeira e obrigatória referência, inclusive no Brasil.

Segundo o ponto de vista de Humboldt, os estabelecimentos de ensino superior em sua organização interna, devem articular a ciência objetiva e a formação subjetiva. Dessa maneira, dois pontos são colocados em evidencia, primeiro, o centro do estabelecimento passa a ser a ciência, e a partir dela buscar a formação dos indivíduos na cultura geral. A Universidade moderna fica conhecida como a universidade orientada para a pesquisa.

A transição da universidade tradicional para a moderna não se da em linha reta, por dentro, pela gradual e imanente conversão da primeira na

segunda e, menos ainda, de um só golpe. Ao contrario, há um processo demorado que se prolonga por séculos, por caminhos, adjacentes ou paralelos no decurso do próprio período em que a instituição resiste à nova ciência e a nova cultura.

Para Melo (2002) a Universidade Tradicional tem seu trabalho voltado para o exercício mental, não tendo a pesquisa como principal meta. Além dessa formação, esta instituição é responsável pela:

“Geração, sistematização e transmissão do conhecimento e do saber, preservando e estimulando a produção, criação e difusão cultural, filosófica, científica e artística” MELO, (2002).

A USP foi criada como a primeira Universidade dita moderna, no Brasil, no ano de 1934. Seu projeto incluía, inicialmente, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, como eixo integrador de todas as faculdades e institutos, que deveriam interagir entre si. Até esse momento da história, as tentativas de criação da universidade no país se davam pela junção de várias escolas profissionalizantes, isoladas, anteriormente já criadas. Como citado anteriormente, a recém-criada faculdade de filosofia era a única a receber o modelo moderno, e era esperado que esta faculdade em conjunto com as demais, transmitisse e modificasse a forma profissionalizante das escolas, acendendo espaço para a ciência.

De fato o percurso pró-universidade no Brasil foi muito discutido e longo. A grande dificuldade se deu em compreender a necessidade e o papel de uma universidade, nos moldes modernos, em um país, que por muito tempo foi

colônia, e mesmo após a independência manteve uma significativa dependência.

De acordo com o pensamento defendido por Anísio Teixeira, o Brasil, em sua essência possuía um espírito universitário em suas escolas técnicas. Para ele, o que era considerado universidade eram essas escolas profissionalizantes, onde analisando seu contexto, estas se apresentam preocupadas em delimitar o conhecimento com finalidades pragmáticas para o futuro profissional. Intelectuais contemporâneos a Teixeira defendiam que o Brasil não precisava de uma Universidade e sim de mais escolas profissionalizantes.

Nos projetos políticos de Anísio Teixeira e Darci Ribeiro, iremos analisar suas posições e comparações com instituições internacionais.

Para finalizar, este trabalho toma por referência as discussões acerca do formato a ser implantada a universidade de Campinas, como essa se tornou uma das mais importantes não só para sua cidade. O modelo de universidade moderna que a Unicamp representaria para se tornar reconhecida internacionalmente.

Dentro da história da Unicamp, iremos nos basear em relatos de alguns personagens importantes dessa história, como Zeferino Vaz, fundador da Unicamp, e Fausto Castilho. Este último iniciou as humanidades na universidade, publicou o livro “O conceito de universidade no projeto da Unicamp”, um livro organizado por Alexandre Guimarães Tadeu de Soares, em forma de entrevista, que traz informações sobre a fundação da Unicamp, sob um olhar diferente do apresentado no livro de Eustáquio Gomes.

O texto “O Mandarim” escrito por Eustáquio Gomes traz uma descrição do período de fundação da Unicamp baseado em documentos históricos e entrevistas com pessoas que fizeram parte desse momento. Zeferino Vaz é o personagem central dessa história, onde neste livro Gomes enfatiza o autoritarismo e a iniciativa do fundador.

A Unicamp foi primeiramente uma idealização da população campineira, fortemente representada pelo Conselho de Entidades de Campinas, e publicitada pelos artigos de Luso Ventura<sup>1</sup>, pelos meios de comunicação em Campinas.

Foi um longo percurso desde até a chegada do primeiro aluno à ainda improvisada Faculdade de Medicina. A campanha pela universidade só teria um pequeno passo à frente em 1953, com a lei que criou, em papel, esta faculdade em Campinas, que funcionaria provisoriamente no hospital maternidade, na região central da cidade.

Assim, este trabalho irá se basear em cinco obras centrais com a temática Universidade no Brasil, dentre essas obras está o livro “Educação e Universidade”, Rio de Janeiro (1998) de Anísio Teixeira, “A Invenção da Universidade de Brasília 1961-1995. Cartas: falas, reflexões, memórias” (Brasília, 1995) de Darcy Ribeiro. As discussões realizadas na Academia Brasileira de Ciências e Associação Brasileira de Educação que aparecem em “Por uma universidade no Rio de Janeiro” (In: Schwartzman, Simon. (org) Universidade e Instituições Científicas no Rio de Janeiro. Brasília, 1982) de Antônio Paim e a história da Unicamp será observada a partir do livro “O

---

<sup>1</sup> Artigos publicados nos Jornais Correio Popular e Diário do Povo no ano de 1946

Mandarim: historia da infância da Unicamp”. (Campinas, 2007) de Eustáquio Gomes e “O conceito de universidade no projeto da UNICAMP”. (Campinas. 2008) de Fausto Castilho.

## CAPITULO I

### Universidade no Brasil: discussões na ABE e ABC.

Observamos então um longo período em que o Brasil ficou sem uma Universidade. No início do século dezenove, o Brasil buscava formar uma identidade universitária. É nesse momento que vamos iniciar nossa busca em compreender para quais finalidades buscam os intelectuais deste terceiro século de história brasileira, sua universidade. Este texto traz também os acordos que envolveram e os interesses da época a fim de concretizar a universidade pública.

O movimento pela universidade em Portugal tinha como principal foco uma universidade voltada para as ciências aplicadas, esta não poderia apenas formar o profissional, deveria ser principalmente o lugar da ciência. A universidade precisava estar apta a identificar as riquezas naturais da sua nação e explorá-las. Assim, a nova universidade é encarada como um meio de tornar Portugal uma nação rica e próspera.

Com a mudança da Corte Portuguesa para o Rio de Janeiro, temos a implantação de diversos espaços culturais onde se observa o ritmo que teria a universidade brasileira. E o formato conhecido em Portugal, como a universidade promotora de progresso, chega junto com a corte, não em seu formato mais elevado de instituição, mas com a mesma proposta.

São instaladas escolas profissionalizantes com a intenção de suprir as necessidades de especialistas em saúde e outras áreas que a corte necessitasse.

Até então no Brasil, a universidade é vista como elitizante e promotora de saber. Apenas os mais abastados financeiramente é que poderiam ingressar na educação superior.

Em um país onde a elite detém também o poder político, esta não considerou de grande importância agraciar a população com a criação da universidade, considerando mais viável e necessário a manutenção de escolas da formação profissional em faculdades isoladas.

No Brasil a corrente do positivismo de Auguste Comte fazia seus seguidores. Sobre uma forte influência da doutrina positiva que pregava o conhecimento e a natureza do pensamento científico, esta corrente procurava valorizar as ciências naturais e suas aplicações práticas. É possível admitir, que no positivismo de Comte, a ciência é buscada para estar a serviço da reforma sócia, reduzindo o homem a seu estado de força mecânica de mão de obra.

Esse tipo de doutrina não se adequava aos cursos de fundo humanístico, assim essa forma de ciência idealizada por Comte fará carreira dentro dos cursos das Escolas Politécnicas.

Durante as discussões nas primeiras décadas do século XX observamos a intensão de se espelhar no modelo alemão de universidade, uma instituição capaz de promover a formação de cientistas e pesquisadores, acima da intenção de preparar professores e profissionais.

Após analisar o modelo alemão, o político Azevedo Sodré<sup>2</sup> propõe uma universidade onde a principal função seria:

"Ministrar a instrução secundária e superior por intermédio de suas faculdades, tendo em mira dar ao ensino um cunho eminentemente prático e profissional, e promovendo ao mesmo tempo, por um estímulo bem conduzido, pela emulação e distribuição de prêmios, o progresso das ciências no Brasil e a constituição de uma literatura científica nacional". PAIM (1982).

A ideia de que a universidade como lugar da ciência constitui algo de muito tardia na cultura brasileira, prevalecendo às escolas de formação profissional.

Embora toda essa discussão se tenha feito em torno do ensino superior, alguns intelectuais buscam resolver primeiro um grande problema educacional, considerado a raiz do problema universitário, e é feito, paralelamente, uma discussão acerca do analfabetismo.

As grandes discussões ocorreram em torno da ABC, Academia Brasileira de Ciências, e a ABE, Associação Brasileira de Educação. Ambas desempenham um papel muito importante no movimento pela universidade.

Ainda sob o título de Academia Brasileira de Ciências, em 1916, a ABC foi idealizada por professores da Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Das discussões realizadas nas dependências da Politécnica surgiram as primeiras publicações de um periódico, a Revista Ciência, que trazia um resumo das reuniões.

"A julgar pela leitura das publicações relacionadas precedentemente, os integrantes da academia procuram manter o melhor nível

---

<sup>2</sup> Relator no Congresso de Ensino Superior (Rio de Janeiro, 1927).

científico de seus trabalhos e acompanhar de perto a evolução das ciências.” PAIM (1982).

Essas publicações eram irregulares, visto a dificuldade financeira de manter a academia. Mas o material é muito rico, pois neste tipo de publicação foi apresentado todo avanço na pesquisa científica realizada pelo grupo.

A ABE terá um papel terá mais enérgico na questão universitária. Fundada oito anos após, a ABC em 1924, um grupo de intelectuais sob a iniciativa de Heitor Lyra, com a finalidade de mobilizar intelectuais, pesquisadores, professores e políticos interessados em debater assuntos ligados à educação e à cultura do país. Para atingir esses objetivos, a associação promoveu vários encontros, para discutir o desenvolvimento da educação brasileira.

Talvez a ABE tenha se desenvolvido mais por causa de sua estrutura que era subdividida em organizações estaduais, autônomas, porém que estavam de acordo e realizando trabalho em conjunto. Esse trabalho gerou um boletim mensal que apresentava resumo de todas as atividades de suas organizações.

O trabalho mais importante dessa associação foi sem dúvida a realização de conferências. Esses encontros levaram a ABE a liderar o movimento pela universidade, formando mais educadores com um mesmo ideal de educação superior.

“A ABE promoveu significativo debate sobre o ensino secundário e atuou igualmente em campos absolutamente pioneiros como o cinema educativo, a organização de pais junto às escolas, a educação sexual e tantos outros temas.” PAIM (1982).

Como os debates sempre traziam temas atuais, a revolução 30, norteou a discussão sobre nova orientação educacional, onde este deveria ser laico, dispensando o ensino religioso nas escolas e inserindo uma linha mais política.

Após a Revolução de 1930 a ABE passa a discutir a Escola Nova. E este tema será o principal a ser discutido nas Conferências Nacionais de Educação, organizado pela associação.

Como já afirmado, as conferências nacionais foi o grande trabalho da ABE, que juntamente com a discussão acerca da Escola Nova, irá resultar em 1932, no Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova que visava à reconstrução educacional do Brasil.

Assim foi proposto que a universidade brasileira deveria possuir duas ramificações: técnica e científica. A primeira levaria à formação para aplicação na vida prática. A segunda visava à formação na investigação científica e na contribuição para o avanço da ciência. Tendo como meta preparar ao mesmo tempo, técnicos e pesquisadores da ciência.

Durante o debate concluiu-se que a nova universidade deveria ser autônoma, administrativa e didaticamente, uma vez que a relação financeira está a cargo do estado. Apenas dessa forma seria possível acreditar no progresso dessa instituição.

Toda essa discussão mobilizou a o legislativo brasileiro, que em busca de organizar a educação superior passa a elaborar uma legislação específica para universidades. Assim, em 27 de março de 1933, é assinado o decreto nº. 25.579, que regulamenta o funcionamento das universidades estaduais.

Neste ano a Universidade do Distrito Federal, no Rio de Janeiro passou a reger-se por essa legislação. O Brasil já havia em seu quadro de educação superior um significativo numero.

"Nesse momento a comunidade universitária correspondia a cerca de 5.000 pessoas, sendo pouco mais de 4.700 alunos e aproximadamente 300 professores. A metade da população estudantil achava-se concentrada nos Cursos de Medicina e Direito. A Politécnica tinha 700 alunos." PAIM (1982).

A discussão pela iniciativa da universidade já faz parte da pauta legislativa, com isso inicia-se a fase de projetos de criação, reforma e modificação de instituições de educação superior.

No texto de Paim podemos observar a enorme quantidade de decretos que são fixados na tentativa de concretizar a universidade. O Decreto-lei nº 8.393, de 17 de dezembro de 1945, assinado por José Linhares (presidente) e Raul Leitão da Cunha (ministro), estabelecia que:

"Universidade do Brasil, instituição de ensino superior cujos fins estão fixados na Lei no. 452, de 5 de julho de 1937, passará a ser pessoa jurídica com autonomia administrativa, financeira, didática e disciplinar". PAIM (1982).

A pesquisa científica entre 1935 a 1945 acontece bem devagar. Nos anos cinquenta multiplicam-se as escolas superiores, com o intuito da formação profissional. Foi observada uma retomada da linha de atividades científicas somente nos anos sessenta. A pesquisa passa, definitivamente, a integrar a formação curricular.

O que se observa é que a velha geração do movimento foi capaz de fazer uma ligação com a nova geração. O movimento pela universidade da

ciência fez frente à universidade para a formação profissional, e essa ação conseguiu assegurar o desenvolvimento científico do país.

Este trabalho escrito por Paim (1982) discorre sobre como aconteceram as primeiras movimentações pela universidade no Brasil. Trouxe as primeiras idéias vindas de Portugal, com a chegada da família real, passando pelos diversos debates, implantações legislativas e por fim a consolidação do modelo de universidade brasileira.

Fica claro a intenção do movimento por uma universidade voltada à pesquisa científica, mostrando o porquê de universidade, quando a intenção é formar pesquisadores a fim de encontrar soluções viáveis ao progresso da nação.

## CAPITULO II

### Universidades, por Anísio Teixeira.



Anísio Teixeira (1900-1971)

“Pretendemos superar a resistência das nossas universidades, formuladas nos moldes antigos, voltadas mais para si mesmas do que para a nação, preocupadas mais com seu papel de guardiã de cultura do que com as necessidades do progresso e desenvolvimento da sociedade.” *Correio do Povo*. Porto Alegre, 14 jan. 1962.

Anísio Teixeira foi um político engajados nas questões educacionais no Brasil. Observada em sua obra a intensa pesquisa realizada sobre as questões da Universidade no país, no mundo, principalmente nos Estados Unidos. Em sua pesquisa, Teixeira irá apresentar uma comparação entre as formas clássicas e modernas dessa instituição, e a recente história da universidade no Brasil.

A universidade é mundialmente conhecida como o templo do saber. Em seu estado mais clássico, buscava no passado respostas para planejar o futuro. Ao longo da história da humanidade, temos uma instituição que se isolou em torno de sua disciplina educacional, enclausurando seu conhecimento.

No estado clássico de educação, o conhecimento era aquele que buscava compreender, restaurar e manter estável a história do mundo. Era importante que um catedrático possuísse conhecimentos na filosofia, arte e fosse superiormente letrado. Quando se trata de ciência, esta era pouco ou nada

trabalhada dentro desse espaço, além de ser considerada banal e desmerecida, em outras palavras, a ciência nunca foi o objetivo principal da universidade clássica.

Para os catedráticos da universidade clássica, a escola profissionalizante, primeiro resquício de ensino superior que o Brasil conheceu, é considerada a universidade exclusiva para preparo de profissionais especializados e ensino de cultura geral para formação de uma massa produtora de riqueza para a sociedade. Porém, inicialmente é na Universidade Clássica que a pesquisa desinteressada irá surgir, pela busca do saber pelo saber.

A pesquisa e a prática ficará por conta da universidade moderna. A universidade clássica não se sentia responsável pela aplicação do conhecimento, e por esse motivo negava-se como instituição prática em busca de pesquisas.

Ao atuarem dessa maneira, mesmo não intencionalmente, a instituição clássica acabou destinada a ter alguma formação profissional. Primeiramente a formação do clero, formação em bacharel em direito, e posteriormente em formação de médico e engenheiro. Porém é importante enfatizar que essa formação não era a finalidade nem o foco da universidade clássica.

Porém após a segunda guerra mundial podemos observar a abertura da universidade onde esta passa a trabalhar junto com a sociedade para a reconstrução de sua nação.

A pesquisa de Teixeira irá apresentar historicamente toda a transformação das universidades de Oxford, Berlim e Manchester, para compreender a universidade como a conhecemos hoje. Entre as universidades

citadas, Oxford, na Inglaterra, foi conhecida como a universidade que estava totalmente isolada em seu processo de exercício mental, não se preocupando minimamente com a transmissão do conhecimento. Já a universidade de Manchester, também na Inglaterra, foi conhecida pelo espírito de pesquisa pura e aplicada as ciências de seu tempo.

Nos Estados Unidos, foco das pesquisas realizadas por Anísio Teixeira, a universidade não terá esse sentido clássico, desde o princípio seu foco se dará em diversas linhas do conhecimento cultivando o objetivo de serviço à sociedade. A pesquisa na universidade americana será voltada para o caráter prático.

“Até ai a missão da universidade era a da guarda e transmissão do saber, como condição para a ordem e a civilização. Eminentemente seletiva, orgulhava-se de poucos alunos e da alta qualidade dos seus intelectuais e eruditos. Era a casa do intelecto, a torre de marfim de uma cultura fora do tempo.” TEIXEIRA (1964).

A educação superior americana obteve um investimento de muitos bilhões de dólares na década de sessenta. Investimentos principalmente para os centros de pesquisa nas universidades. Esta se tornou o ponto de referência para busca do progresso da sociedade. Sua contribuição foi constantemente solicitada e a ciência tornou-se preocupação nacional em universidades dos Estados Unidos. Assim com a revolução industrial, a crescente preocupação com o progresso adentrou a universidade.

Teixeira defende que a universidade moderna é, além da simples reunião de adultos com uma boa experiência intelectual e vasta formação acadêmica, junto com jovens em busca de conhecimento para sua formação, tem por

objetivo, a formação, ensino e a pesquisa. E ao longo da história veremos a missão da universidade oscilar entre um e outro foco.

Com a inclusão da pesquisa na universidade, tivemos um avanço significativo no sentido de encontrar soluções que colocaria a universidade a serviço da comunidade em geral.

A universidade ao modificar seu estilo de trabalho do clássico para o moderno deixará de ser um centro de formação do homem culto e passará a formar o profissional, o pesquisador. Segundo Anísio Teixeira, o saber pelo saber, como era cultivado tradicionalmente na universidade clássica, torna-se mais aprofundado no sentido da pesquisa. Anísio acredita ainda que a nova universidade se abre de forma igualitária para todos que queiram buscar conhecimento, deixando de ser um privilégio da classe alta.

Em 1940 já temos no Brasil a consciência de que a ciência é foco principal da universidade. A aplicação da ciência passa a ter um peso importante na constituição da pesquisa. A própria industrialização impulsionou a pesquisa científica na universidade.

A relação do setor público com esta instituição trará vários benefícios para ambos. De um lado, o setor privado investirá em grandes pesquisas, e entre outras coisas o aprimoramento da formação humana através da universidade. Em contrapartida a sociedade receberá da universidade subsídios para o desenvolvimento industrial.

Por esse motivo que Teixeira afirma que mais da metade do desenvolvimento dos Estados Unidos possa ser explicado por uma dedicação

intensa à qualidade de ensino no país e a busca por tecnologia em suas pesquisas universitárias.

“O crescimento desse "saber" faz-se em proporção de duas vezes o crescimento da economia. A indústria do conhecimento sempre foi o fator central do crescimento nacional dos Estados Unidos.” TEIXEIRA (1964)

Com essas observações, Anísio Teixeira passa a discutir a questão da educação superior no Brasil, e busca compreender qual é o caminho que o Brasil levou sobre a questão universitária e qual modelo de ensino que tivemos em suas primeiras fundações.

O Brasil é conhecido pela formação do homem prático e especialista nas necessidades do mercado de trabalho. Ainda hoje temos como exemplo os cursos tecnológicos de curta duração, e esta tradição tem início ainda com o Brasil-colônia, onde a universidade foi dispensada e substituída por escolas profissionalizantes.

Até a Independência, toda família que detentora de poder e dinheiro enviavam seus filhos para estudar na Europa, no Brasil os estudantes normalmente estudavam em Coimbra, Portugal. A única possibilidade de universidade conhecida pelos brasileiros ficava em Portugal.

Com a independência, surge a esperança de que o país traria para si a luta em prol da instalação de um centro de pesquisa, tecnologia e ciência, para impulsionar o progresso do país. Porém, apesar de deixar de ser colônia de Portugal, o Brasil continuou a metodologia que havia iniciado quando ainda colônia e investiu significativamente em escolas profissionalizantes. A formação

humanística ficou por conta do ensino secundário, para formação de professores.

Apenas na década de trinta, após anos de discussões a favor e contra a universidade no país, é que teremos as primeiras tentativas de construção desse espaço, porém, a estrutura física não mudará e continuaremos a ter um aglomerado de escolas profissionais administradas por uma reitoria central.

Quanto ao formato da educação superior no Brasil, presenciamos traços da cultura francesa e germânica principalmente.

Anísio Teixeira afirma que esse conjunto de escolas profissionais, independentes entre si e juntas por um estatuto, era comparado a Universidade de Paris e parecida com as universidades germânicas no caso das escolas de medicina. Porém, por mais que fosse defendido esse modo de formação universitária, a pesquisa no país encontrava estagnada, e o mercado de trabalho era abastecido com milhares de especialistas técnicos.

Para acelerar a criação da universidade no modelo moderno, foi criada a nova proposta de construir uma Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, que estaria destinada a se tornar um núcleo comum entre as escolas profissionalizantes, constituindo-se assim a primeira universidade no Brasil. Até então os estudos humanísticos eram mantidos em nível médio.

No país, a universidade era decretada, mas não saía do papel, ao contrário das escolas profissionalizantes que ampliavam seu público com cursos de veterinária, economia, agronomia e enfermagem.

Até esse momento, na visão de Anísio Teixeira não há melhores perspectivas para a universidade brasileira. Segundo ele, o espírito universitário

já era presenciado em suas escolas superiores. Em comparativa, acreditava que deixando as escolas superiores evoluírem por si mesmas, estas avançariam no sentido da pesquisa e da ciência. Segundo ele, as escolas profissionalizantes se tornariam futuramente as universidades brasileiras.

Teixeira defende que aos poucos as escolas profissionalizantes estavam obtendo uma expansão quantitativa, onde cada escola estava conquistando sua independência e se multiplicando. Dessa forma, ele declara que cursos como física foram encontrando espaço nas faculdades de filosofia, assim como a medicina se expandia nas escolas de ciências biológicas.

Em paralelo temos o movimento pela Universidade de Brasília, nos anos sessenta, é discutida novamente qual a ideia que muitos intelectuais da época buscavam sobre universidade para o Brasil. No caso da Unb (Universidade de Brasília) esta deveria possuir três funções principais: formadora de cultura básica; preparação do especialista; e principalmente o curso de pós-graduação. Além de trabalhar qualitativamente a questão da pesquisa, esta instituição iria integrar com a sociedade brasileira na resolução de seus problemas. Assim, através de decreto lei, surge uma das primeiras universidades do Brasil.

Com esse projeto, é possível afirmar que a conhecida universidade de formação clássica não irá fazer tradição no Brasil. Porém, a faculdade de filosofia como integradora na universidade também não irá se concretizar.

Desenvolverá exatamente a universidade moderna, focada na pesquisa, integrada com a sociedade em busca de progresso. Será conhecida também como a universidade de serviços. A Universidade de Brasília será a primeira a

fazer essa carreira comprometida com o desenvolvimento da pesquisa nacional.

## CAPITULO III

### Universidade, por Darcy Ribeiro



Darcy Ribeiro (1922-1997)

"A universidade é o útero das classes dirigentes da nação do futuro. Nenhuma sociedade pode viver sem universidades." *Darcy Ribeiro.*

Darcy Ribeiro foi o principal idealizador da UnB (Universidade de Brasília). Em suas pesquisas é perceptível a forte influência da cultura americana na idealização da Universidade brasileira.

Exilado político, Ribeiro fez uso dessa situação para conhecer e pesquisar diferentes países, estudando a fundo os tipos de ensino nesses lugares por onde passou.

No texto "A Universidade Necessária" (1969), Ribeiro apresenta um modelo de universidade compatível com as exigências do desenvolvimento autônomo. Essas exigências seriam a de herdar e cultivar as pesquisas em padrões internacionais em busca de capacitar seus estudantes em conhecimento suficiente para a superação a seus problemas.

Em outras palavras, as universidades são instituições históricas surgidas em todas as civilizações com certo grau de desenvolvimento, para atender exigências específicas de sua sobrevivência e de seu progresso.

No Brasil se propõe formular um modelo de universidade necessária para atender as exigências mínimas do domínio do saber científico, tecnológico e humanístico para esta sociedade.

Darcy Ribeiro irá tratar a universidade como um natural de mobilização. Mobilizar-se para pensar a estrutura atual ou mesmo propor id de se pensar a próxima geração. Fica claro para ele que todos buscam nessa instituição respostas para um pleno desenvolvimento das nações. De fato, como citado por Anísio Teixeira, a universidade se faz pelo encontro de pessoas em prol de um objetivo comum, a ciência e o conhecimento.

No Brasil, Darcy Ribeiro destaca que a meta universitária sempre foi construir progresso coletivo, é por esse e outros motivos que tivemos uma intensa discussão no momento pré-universidade, entre os que defendiam a universidade no seu formato clássico, e outra parte defendia a busca da aceleração do progresso, através da formação de mão de obra especializada.

Darcy Ribeiro diz que o Brasil precisar de uma estrutura universitária que não seja um reflexo do desenvolvimento alcançado até então pela sociedade, mas que esta seja propriamente o agente de aceleração do progresso global da nação.

Após longos anos de discussão, o autor explica o atraso da questão universitária, afirmando que é lucrativo para alguns grupos que seja mantido seu estado de pobreza. A ciência como Anísio Teixeira defende é uma moeda

de troca, e em um país onde a ciência não acontece, seu povo pode ser facilmente dominado.

Tanto Anísio Teixeira como Darcy Ribeiro acreditam que a universidade aconteça naturalmente. Criando modelos concretos com suas cátedras e faculdades, departamentos de conselhos, secretarias, reitorado, em um modelo perfeito de universidade, esta se transformaria em um projeto utópico e não sairia perfeitamente como no papel. Ribeiro afirma que as relações internas e externas entre as pessoas é que farão a Universidade um projeto de sucesso.

Quando idealizou a universidade brasileira, Darcy Ribeiro se preocupou em desenvolver a investigação científica como seu centro e em consequência disto, as escolas superiores buscaram mais que formar professores e engenheiros, mas cultivar a preparação de investigadores.

Esse modelo de universidade é inspirado nos moldes das universidades americanas, e para isso é preciso compreender esse formato para entender como se deu no caso do Brasil.

Os Colleges, responsáveis pela educação superior, conhecidos até meados 1860 nos Estados Unidos, após uma reforma educacional, foram divididos se tornando um complementar ao outro. Um modelo tinha um modelo dedicado inteiramente, à investigação científica e a criatividade cultural, buscando um ensino superior do mais alto nível. O outro modelo se deteve em sistematizar práticas das escolas em nível intermediário.

No Brasil, o modelo que se observa atua de modo a realizar a manutenção do país e em prol da modernização da sociedade. Em sua pesquisa, Darcy Ribeiro, atenta para as mais disparens universidades no país.

Com enormes organizações, dentro delas muitas faculdades e dezenas de milhares de estudantes, envolvidos em todos os grandes campos do saber. Dessas temos também, pequenas e modestas aglomerações de escolas que se autodenominam, universidades.

Assim, no Rio de Janeiro em 1935, surge A UDF (Universidade do Distrito Federal) como uma efetivação das concepções e propostas realizadas pela ABE e à ABC. Com a junção de algumas escolas superiores. Por ser uma proposta imediata, sem um projeto bem planejado, a universidade foi fechado em pouco tempo, sobrevivendo quatro anos.

Tivemos também a criação de duas faculdades de filosofia, ciências e letras, uma em São Paulo, outra no Rio de Janeiro, com a organização de professores estrangeiros, entre eles, muitos franceses que serão a forte influência na Universidade de São Paulo. Foi a partir das pesquisas realizadas por esses professores estrangeiros, que temos no país o ensino das ciências básicas e a formação de pesquisadores científicos.

Considerado o primeiro projeto de universidade integrada, a UnB, Universidade de Brasília, nasce em 1960, após uma longa discussão contando com centenas de cientistas e intelectuais brasileiros dispostos a repensar o modelo de universidade e em busca da construção de um espaço próprio para a pesquisa brasileira. Então com a oportunidade de uma nova capital sendo construída, surge também a nova universidade.

“O projeto da UnB inspirou-se, basicamente, nos esforços pioneiros de Anísio Teixeira, na Universidade do Distrito Federal (1935-37) e na lição proporcionada pelo fracasso da tentativa de implantar as Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo e do Rio,

como órgãos integradores das respectivas universidades” RIBEIRO (1995).

No projeto inicial da UnB, as faculdades eram interligadas, sob uma mesma reitoria, se organizando em um modelo autônomo. Infelizmente, se observa ao longo da história, é que o funcionamento e a estabilidade de uma universidade são garantidos enquanto o governo que o tenha proposto esteja no poder, ou que o governo que venha posteriormente concorde com essa instituição. Assim, com a UnB não foi diferente, com a queda do governo Goulart, o governo que se sucedeu estava mais preocupado em controlar a universidade.

Segundo Darcy Ribeiro, uma das funções principais da universidade é formar um grande número de cidadãos com uma boa bagagem científica, intelectual. No Brasil, além dessas funções, as universidades precisavam ter um peso profissional, e buscar se abrir para os conhecimentos modernos de sua sociedade em buscar novas e melhores soluções para seus problemas.

Também é função desta instituição conhecer a ciência de seu tempo sempre buscando colaborar para se alcançar o mais alto nível possível de conhecimento e de investigação. Mas Darcy Ribeiro defende que a formação profissional na universidade só pode acontecer se em mesma proporção for cultivado o saber geral. Assim teremos a universidade em seu contexto exato, distanciando o que conhecíamos como faculdades isoladas.

A pesquisa científica, além de todos os seus benefícios, se faz importantes para que se construa uma identidade nacional. Um progresso próprio. O domínio da ciência no país se faz importante para que o país se torne definitivamente independente.

“O valor prático insubstituível da ciência, a investigação tem virtualidades educativas que devem ser, necessariamente, exploradas ao máximo. Em outros termos, as universidades dos países subdesenvolvidos não apenas devem dedicar-se à pesquisa por ser indispensável; cumpre-lhes fazê-lo, também, considerando as virtualidades educativas propiciadas em cada investigação.” RIBEIRO (1978).

A universidade deve oferecer a sua sociedade soluções viáveis para seu tempo. Assim todas as possibilidades devem ser oferecidas em função do progresso.

No Brasil, dominar o saber científico será necessário para elevar substancialmente os níveis do ensino superior em várias áreas. Um modo de começar consistiria em produzir uma universidade com requisitos básicos para o desenvolvimento da pesquisa e progresso da ciência.

O projeto da UnB, escrito por Darcy Ribeiro, Anísio Teixeira e Florestan Fernandes, prevê todos esses conceitos.

Nos anos sessenta, Juscelino Kubitschek, precisava de uma universidade para sua nova capital, e sugeriu que esta fosse construída nos moldes da universidade católica. Darcy Ribeiro defendendo a universidade pública, entrou em discussão e conseguiu o direito de projetar a universidade, incluindo os jesuítas para o comando da faculdade de teologia.

O projeto da UnB surgiu em contraposição ao modelo tradicional de universidade criado nos anos trinta no Brasil, modelo que estava sendo questionado por setores da própria instituição de ensino e pesquisa e por aqueles que pensavam em uma universidade voltada para as transformações que requeria a sociedade brasileira naquele momento. Na concepção de seus

criadores, deveria ser uma universidade, que, junto ao humanismo, possuísse liberdade de criação cultural, integrando a ciência e as tecnologias modernas.

Na parte financeira, além das dotações do tesouro, foram criadas fontes alternativas de receita, como as rendas provenientes de ações da companhia siderúrgica nacional, metade das rendas do radio nacional, e a universidade foi presenteada com um grande patrimônio urbano de Brasília.

Esse projeto inicial resistiu por apenas seis anos, com a saída do primeiro grupo de professores que mantinham os conceitos iniciais. Observamos que a Unb foi uma das universidades que mais sofreu com a ditadura sendo implementado um modelo disciplinar condizente com o regime militar.

Em meados de 1963 o país enfrentava uma crise do governo Goulart. E a UnB estava diretamente relacionada com o governo. A intervenção na universidade foi inevitável.

Na UnB não resistiu à pressão militar, que invade a universidade para intervir, conseguindo expulsar os alunos, professores e funcionários considerados agitadores.

Os coordenadores tentavam mediar o conflito e abafar o movimento contra a ditadura, para impedir a intervenção militar. É neste momento, que Anísio Teixeira, então reitor, deixa a universidade em 1965. Assume Laerte Ramos de Carvalho que convoca as tropas policiais para ocuparem a universidade.

A administração de Laerte Ramos não obteve condições financeiras e materiais para impor um plano de obras e nem opções para planejar. No final

de sua gestão a universidade não estava ainda institucionalizada e passava por uma crise financeira e não contava com créditos na praça.

Após apresentar sua longa pesquisa sobre a universidade, quando Darcy Ribeiro fala sobre a reforma universitária, que além das dificuldades acima apresentas, a palavra autonomia será a grande meta.

Defendendo a reforma universitária, sua proposta buscava evitar a formação de mais mão de obra para o mercado de trabalho, uma vez que o progresso estava cada vez mais substituindo a força física pela mecânica. Outro passo importante se tratava da forma de transmissão de conhecimento da cultura popular, que era realizada oralmente pelos letrados, pertencendo apenas à elite. Defendia o acesso cultural de toda humanidade pelo domínio de um patrimônio comum do saber, e a generalização do ensino de nível superior a todos jovens das novas gerações.

Mas sem dúvida, a autonomia universitária foi a principal preocupação da reforma universitária, para Darcy Ribeiro. Reivindicar a autonomia significava buscar o direito de administrar livremente, independente do financiamento estatal, a qual essa instituição está totalmente ligada.

## CAPITULO IV

### Unicamp, Universidade Estadual de Campinas.



(Campus Unicamp anos 70. Imagem Siarq/Unicamp)

Nas leituras acerca da Universidade Estadual de Campinas, é possível notar um expressivo avanço tecnológico e científico, não demonstrado no país por nenhuma outra universidade, em tão pouco tempo. É com essa instigante interrogativa que busco compreender melhor seu curto espaço cronológico de desenvolvimento comparado a tamanha importância em produção de conhecimento.

Até o século dezenove, temos um Brasil pouco preocupado com a educação superior, prova disso é a pouca discussão que temos sobre o tema. Temos um país colonizado por europeus, onde apesar da universidade ter sido concebida na Europa, os portugueses colonizadores do Brasil consideravam necessário algo mais imediato para o desenvolvimento do país, nesse sentido no Brasil será desenvolvido as escolas profissionalizantes. Assim, antes de começarmos a falar da Unicamp é preciso rever em qual momento e em que

condições surgem suas antecessoras, USP e UnB, ambas com a intenção de serem universidades com espírito e projeto moderno, diferente do que eram e faziam as escolas superiores profissionalizantes que o país já conhecia.

As escolas profissionalizantes foram por muito tempo o ensino superior no Brasil. Sua função era formar profissionais capacitados para áreas específicas, onde havia déficit de profissionais. Essas escolas existiam para suprir principalmente as necessidades dos serviços públicos.

Após o longo trajeto das escolas profissionalizantes, temos os primeiros passos em direção ao que conhecemos hoje como universidade moderna. A busca pelo conceito de educação que abrangesse a totalidade de conhecimento humano, distanciando do direcionismo promovido pelo enfoque profissional, vai ser observada nas leituras realizadas no livro “O conceito de Universidade no projeto da Unicamp” de Fausto Castilho, onde é apresentado, resumidamente, o que e como acontece o projeto da USP e da UnB, duas universidades que antecederam a Unicamp, e tiveram a sua frente Júlio de Mesquita, Darcy Ribeiro, Anísio Teixeira.

Os idealizadores dessas universidades vão de inspirar em projeto de dois países principalmente Alemanha e Estados Unidos, nações progressistas que em seu conceito de universidade moderna, buscam um estudo onde haja pesquisa sobre a totalidade dos conhecimentos humanos e não se limite à qualificação profissional.

A primeira tentativa, que marca significativamente a história da universidade no Brasil, foi a do Distrito Federal, ainda no Rio de Janeiro, em 1935, realizada pela reunião de cinco escolas profissionalizantes superiores:

Escola de Ciências, o Instituto de Educação, a Escola de Economia e Direito, a Escola de Filosofia e Letras e o Instituto de Artes. O projeto durou quatro anos, ao ser extinta, seus cursos são incorporados a UB (Universidade do Brasil).

O primeiro passo positivo que temos em universidade pública brasileira que surgira com uma nova proposta de ensino superior, diferenciando do sistema profissionalizante e rompendo com a tradição clássica, é o projeto da USP, em 1934, surge como exemplo de universidade moderna, interligando seus cursos superiores.

Na comissão de elaboração do projeto da USP temos a frente Júlio de Mesquita, que foi nomeado pelo governador do estado de São Paulo, Armando Salles de Oliveira.

O projeto de Júlio de Mesquita, era fazer ciência no Brasil. Segundo ele, jamais fizera ciência para o desenvolvimento do país. A principal meta do projeto era fazer ciência pela ciência, seguindo o conceito de instituição moderna. Diferente dos projetos anteriores no Brasil, com agrupamentos de faculdades técnicas, a proposta dos liberais paulistas era outra. Para eles, a Universidade deveria unir esses cursos isolados com um núcleo integrador e para ser uma universidade moderna era preciso que ela fosse integral, onde todos os cursos se interligassem através desse espaço.

No caso da USP, esse instituto era o recém-criado FFCl<sup>3</sup>, que teria a função integradora como um ciclo básico, onde todos os cursos deveriam passar e, segundo o governador Armando Salles, esta seria a principal parte da universidade. Esta, talvez, foi a maior dificuldade de se colocar em prática esse

---

<sup>3</sup> Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras

conceito, uma vez que a USP, em sua formação, anexaram outras escolas superiores. Além da nova Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, a USP agregou as Faculdades de Direito, Medicina, Farmácia e Odontologia, e as Escolas Politécnica, de Medicina Veterinária, Superior de Agricultura e de Belas-Artes.

Observamos que a USP em São Paulo assim como a UDF no Rio de Janeiro, se formaram da junção de outras escolas superiores já existentes. No caso de Campinas, a universidade pretendia ser construída do início, colocando em um único campus vários institutos e faculdades. Como projeto de referência temos a UnB no Distrito Federal.

Inicialmente a universidade de Campinas se diferenciou pela maneira como se propôs sua criação. Diferente dos outros projetos, os pedidos de sua criação partiram da própria cidade de Campinas. No ano de 1946 houve uma grande campanha pela instalação da escola de medicina, campanha encabeçada por políticos como Ruy de Almeida Barbosa, deputado com base eleitoral em Campinas, e plenamente divulgado pelo Jornalista Luso Ventura, diretor do Correio Popular.

Campinas possuía boa arrecadação financeira devido à instalação de grandes indústrias<sup>4</sup> na cidade. Contava ainda com um grande centro médico com quinze hospitais e mais de 300 médicos. Faltava-lhe sua escola de medicina.

Para Zeferino Vaz, um dos responsáveis pela elaboração e implantação da Unicamp, que em meio a esta discussão se encontrava em Ribeirão Preto

---

<sup>4</sup> Grupo Bosch, 1954. Singer, 1950.

administrando a faculdade de medicina que havia projetado, criar uma faculdade de medicina em Campinas, no eixo Ribeirão Preto – São Paulo, era inviável pois além de estar muito próximo de São Paulo e exigir muito investimento, fatalmente poderia prejudicar sua faculdade.

Os apelos vindos de Campinas eram insistentes, a ponto de se criar uma comissão com a finalidade de, se não viabilizado a construção da faculdade de medicina, esta comissão a faria. Porém, em 30 de junho de 1953, uma lei de autoria de Ruy de Almeida Barbosa, deputado estadual com base campineira, criava a faculdade de Medicina de Campinas. De qualquer forma do papel para o primeiro aluno da faculdade levaria um bom tempo e muita discussão.

Da mesma maneira foram criadas diversas leis de implantação de universidades, dessa forma o governo satisfazia seus eleitores e garantia sua popularização. Mas para que a universidade fosse implantada era preciso que Conselho Estadual de Educação (CEE) autorizasse, e a grande maioria dos projetos era vetada.

Depois de criada a lei de implantação, dá-se início ao pré-projeto da faculdade, que deveria ser aprovado pelo CEE para sua implantação. Se aprovado dava-se o processo de liberação de verba, estadual e federal. Com todo esse processo, dificilmente as faculdades saíam do papel.

Em Campinas, a comissão criada pelo Conselho de Entidades estava à frente da campanha, para que se cumprisse a promessa de criação da Faculdade de Medicina. O então presidente Jânio Quadros ignorou por muito tempo os pedidos vindos de Campinas, e quando não podia mais criou uma espécie de “leilão”. Criou uma comissão para analisar as condições de

Catanduva, São José do Rio Preto, Botucatu e Campinas. A frente dessa comissão estava Zeferino Vaz que, desde o principio, se mostrou contrário à criação da faculdade em Campinas, e a faculdade foi concedida à Botucatu.

Em dezembro de 1962 o governador do Estado, Carvalho Pinto retirou Zeferino do comando do Conselho Estadual de Educação e nomeou o reitor da USP Antônio Barros de Uihôa Contra, para que pudessem estudar o caso de Campinas com cuidado e estudar a criação do núcleo universitário em Campinas. E no fim de seu mandato, o governador assinou o decreto<sup>5</sup> que criava a Universidade Estadual de Campinas. O curso de medicina foi autorizado a funcionar provisoriamente nas dependências do hospital maternidade.

Zeferino Vaz após ter perdido a eleição para o cargo de presidente da CEE para Esther de Figueiredo Ferraz<sup>6</sup>, a então empossada presidente fez aprovar no conselho um parecer sobre a Universidade de Campinas e propôs criar uma comissão que organizasse a nova universidade. E para presidente dessa comissão elegeram Zeferino, juntamente com o diretor da faculdade de medicina, Antônio Augusto de Almeida e pelo médico amigo de Zeferino, Paulo Gomes Romeo.

O projeto de universidade proposto por Zeferino, além de trazer para Campinas uma universidade com metodologia moderna, tinha toda sua personalidade inserida. Além de presidir a comissão, ele buscou fazer a universidade segundo seus ideais. E essa foi a única exigência dele.

---

<sup>5</sup> Decreto Nº 7.655.

<sup>6</sup> Nascida em São Paulo, advogada e professora brasileira, foi secretária de Estado em São Paulo, e a primeira mulher ministra de Estado no Brasil.

Quando a Unicamp finalmente sai do papel, temos apenas o início de uma grande discussão em torno do grande empreendimento.

Entre os planos para a nova universidade, seus fundadores miraram-se nos projetos da UnB e da USP, para criticar ou copiar o modelo. A pedidos de Zeferino, a estrutura física deveria ser diferente do que foi construído no Distrito Federal por Oscar Niemayer.

“A referencia a “espaços sem utilidade” era uma crítica ao projeto de Oscar Niemayer para a UnB, cujo monumental edifício do Instituto Central de Ciências apresentava uma fachada de 720 mil metros quadrados para 120 mil de área construída a apenas 70 mil utilizáveis para laboratórios e salas.” GOMES (2001).

A UnB foi considerada uma universidade arquitetonicamente muito bonita, porém com muito espaço ocioso, para a Unicamp era preciso empregar as verbas no melhor sentido custo/benefício. Assim, foi pensado em edifícios com no máximo três andares, para evitar o uso de elevadores. E a beleza do espaço ficaria por conta de um campus radial que iria compatibilizar a estrutura da universidade e a estrutura funcional da cidade universitária, além de integrar todos os institutos e faculdades a uma praça com espelho d'água.

Por outro lado, a UnB seria referência quanto ao projeto didático, científico e administrativo. Assim como o campus, onde as unidades não deveriam ser concebidas como unidades independentes, as ciências também deveriam funcionar interdependentes e com relações de subordinação recíproca.

Para a universidade idealizada, Zeferino, buscou conseguir um território amplo para que o campus pudesse futuramente, havendo necessidade,

expandir. Nesse momento observamos a importante relação com o governador substituto, Laudo Natel, que atendendo ao pedido do amigo Zeferino Vaz, desapropriou a terra para a construção do campus. E para os primeiros investimentos liberou uma verba acima do que o governo estava acostumado a ceder a outras universidades.

Dentre outros financiamentos, Zeferino, a frente de todo e qualquer movimento que envolvia o seu projeto, fazia uso de sua influência tanto no Brasil como no exterior para conseguir verbas. Com os governos militares, ele não poupou palavras para conseguir recursos. Sua influência política fazia abrir os cofres públicos para o seu projeto. Dentre suas relações importantes temos com nomes como o do secretário Dilson Funaro<sup>7</sup>, que se encontrava no ministério da fazenda.

Observamos o grande investimento feito na Unicamp com a finalidade de receber os lucros futuros diante de um projeto promissor que já contava com a presença de diversos pesquisadores conceituados que resultava em projetos de intercâmbio em busca de novos conhecimentos resultando em contrapartida verbas vindas do exterior para o financiamento da pesquisa.

Como observado, implantar e manter a Unicamp não foi nada singelo e segundo registros, o financiamento oficial, que era regularmente bom com essa universidade em específico, aumentou significativamente com a participação de

---

<sup>7</sup> Foi presidente do BNDES e ministro da Fazenda do Brasil durante o governo José Sarney.

Cerqueira Leite e Sergio Porto, que faziam a captação e articulação junto as agências de fomento, sobretudo a Finep (Financiadora de Estudos e Projetos)<sup>8</sup>.

Tendo Zeferino Vaz a frente do projeto, foi propício sua ligação com agências de financiamento no exterior. Uma delas é a fundação Rockefeller uma das pioneiras em concessão de bolsas de estudos para a pesquisa médica no Brasil, com seu financiamento, acelerou o desenvolvimento de várias áreas. Trabalhando em cooperação internacional pode favorecer a transferência de recursos materiais e humanos dos países desenvolvidos para os países em desenvolvimento. Esta forma de incentivo é importante para a instalação de um setor científico no Brasil. Mas vai além, implementando um programa de cooperação científica e tecnológica entre países.

Com esse sistema de cooperação e a relação de Zeferino, muito pode ser absorvido de universidades como a Michigan State e outras norte-americanas com currículos voltados para as necessidades do setor de produção de bens e serviços. Alguns professores e pesquisadores foram convidados a vir trabalhar na Unicamp.

Quatro anos após sua primeira autorização de funcionamento, o CEE já havia aprovado a criação de novos institutos, entre eles, o de Matemática, Física, Química, as Engenharias, o curso de Tecnologia de Alimentos, e a enfermagem. Uma observação importante a fazer é de que o curso de ciências da computação da Unicamp foi o primeiro do país.

---

<sup>8</sup> Empresa pública brasileira de fomento à ciência, tecnologia e inovação em empresas, universidades, institutos tecnológicos e outras instituições públicas ou privadas. Vinculada ao Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT).

Como observado anteriormente, a primeira tentativa de se criar uma universidade no país, foi juntar escolas profissionalizantes em torno de um único regulamento. Porém, esse método dificultava a implantação da proposta moderna, assim o projeto da Unicamp propunha criar uma universidade desde o primeiro tijolo, para que a proposta fosse efetivada.

Para que o financiamento da nova universidade continuasse, foi preciso ceder ao CEE (Conselho Estadual de Educação), e a Faculdade de Odontologia de Piracicaba, junto com a Faculdade de Engenharia Civil de Limeira, foram incorporadas a Unicamp. Acredito que a diferença em torno do grau de dificuldade entre os projetos anteriores e este esteja no fato de que a agregação das faculdades se deu posteriormente a implantação do projeto, estando estas submetidas às regras da Unicamp.

Aos poucos a Universidade de Campinas foi ganhando forma. O que é curioso de se observar é o modo como o novo projeto instigava a vinda de muitos pesquisadores conceituados no Brasil e no exterior. Segundo apresentado no livro de Eustáquio Gomes, muitos departamentos inteiros de outras universidades foram esvaziados a pedidos de Zeferino Vaz.

Um dos grandes nomes da Unicamp, Cesar Lattes, chegou à Unicamp em 1969, trazendo consigo toda a sua pesquisa realizada em colaboração Brasil-Japão sobre estudos de raios cósmicos.

No caso das humanas, a área foi inicialmente coordenada pelo filósofo Fausto Castilho que, no momento do convite, era secretário municipal de Educação. Além de todo seu importante currículo, sua formação em academia alemã foi um dos atrativos para o convite de implantação das humanas na

Unicamp. Com sua chegada de Fausto Castilho, este se manteve à frente, principalmente, da DEPES (Departamento de Planejamento Econômico e Social). Uma iniciativa, que levaria a criação do IFCH (Instituto de Filosofia e Ciências Humanas). Castilho não ficou por muito tempo na Unicamp, sendo desligado em 1972, porém, fez muito pelo novo projeto. Durante quase cinco anos de planejamento e implantação, representou as humanas como membro da Coplan (Comissão de Planejamento da Universidade de Campinas), conselheiro da universidade e membro da comissão de estatutos, encarregada de elaborar o anteprojeto dos estatutos da universidade.

Entre outras participações, fez muito para conseguir verbas para a Unicamp. A universidade não possuía recursos para desenvolver, ao mesmo tempo, uma quantidade grande de institutos e faculdade. Assim, Fausto Castilho, encaminhou um pedido de financiamento ao Itamaraty solicitando financiamento internacional.

É apresentado um documento com o título de Convênio Quinquenal (1968-1972) com a CEPAL e o ILPES, órgãos das Nações Unidas, para a que o DEPES do Instituto de Ciências Humanas, realmente acontecesse. Trata-se de um financiamento comprometido para cinco anos de realização de trabalhos.

Com recursos em mãos, não importava onde ou quanto custaria o capital humano e material, os criadores exigiam o melhor para ter os melhores resultados e reconhecimento.

Em tempos de ditadura no Brasil, em que as universidades eram constantemente vigiadas, professores, alunos e pesquisadores eram expulsos e demitidos, a Unicamp não se importava com a posição de seus pesquisadores,

de direita ou de esquerda. O que realmente importava era a competência e o prestígio acadêmico que este tivesse e pudesse proporcionar para seu instituto.

Castilho foi um dos homens de Zeferino que procurava por diversos centros universitários em busca de pesquisadores que gostariam de se aventurar em novos projetos. Assim, Fausto Castilho será mais nome a ser descartado por Zeferino em função de sua necessidade.

Zeferino Vaz administrou a Unicamp como alguém que administra a própria empresa. Pessoalmente ele admitia e demitia quem não lhe interessasse mais ou estivesse em desacordo com uma de suas idéias.

O caso mais evidente de sua administração particular se deu com o professor Fausto Castilho, visto que o mesmo, por inúmeras vezes fez o impossível para atender aos pedidos de seu reitor. O caso tem início em 1971, quando dois importantes nomes da economia, João Manuel Cardoso de Mello e Luiz Gonzaga Belluzzo, foram convidados pelo secretário da fazenda Dílson Funaro do Estado de São Paulo, a ministrar um curso intensivo de planejamento econômico aos administradores públicos do estado de São Paulo. Começou-se a alegar pelos corredores da universidade que essa parceria com a secretaria acarretaria em ausências prolongadas. A partir daí começou o conflito entre esquerda e direita, alegando mal uso de dinheiro, e que a meta de promover o desenvolvimento não cabia a curso a altos executivos.

Com tantos burburinhos, Zeferino Vaz fez criar o instituto de ciências humanas para Fausto Castilho, liberando os economistas para seu próprio Instituto de Economia.

Com a proximidade da renovação de contrato de Castilho, Zeferino passou a cobrar a tese de doutorado de Castilho que deveria ser entregue em quatro anos, e colocou em dúvida se a tese realmente existia. Por fim, desmontou aos poucos a presença de Fausto Castilho, o tirando da direção das ciências humanas, passando a professor de filosofia e por fim, não renovando o contrato do mesmo.

Nas leituras realizadas, é defendido que Vaz considerava essa informalidade contratual necessária no momento de formação da universidade, para que os profissionais vindos em várias formas de contrato e de diversos lugares pudessem fazer um tipo de experiência para se adaptarem ou não ao projeto.

Segundo apresentado em CASTILHO (2008) alguns profissionais apresentavam-se pressionados com essa forma de contratação, além de considerarem humilhante a condição de estar constantemente avaliados e condicionados a realizarem um bom trabalho aos olhos do reitor para que seu contrato fosse renovado. Assim, vários desses profissionais preferiam se demitir para não passar por esse processo.

A falta de regimento interno na universidade gerou grande burburinho pelo campus, criando uma tensão entre pesquisadores e funcionários. E apesar da pressão para que se instituísse o regimento interno, o reitor afirmava que para uma universidade em implantação era preciso flexibilidade administrativa. Assim, estavam a critério de Zeferino, todos os atos na universidade.

Pelo histórico de implantação das universidades no país, era previsto que o governo não daria à Unicamp como implantada em menos de sete anos.

Nesse momento temos uma discussão a respeito de uma crise que rondava a universidade. Além da insistência na criação de um regimento interno que incluísse um projeto de concurso e carreira acadêmica para garantir estabilidade empregatícia. Muitos funcionários se mostravam descontentes com a administração feita exclusivamente pelo reitor.

Embora Zeferino estivesse à frente de todas as contratações, dificilmente uma contratação seguia em frente se enfrentasse a resistência de grupos dominantes de professores. Porém, para o reitor, discordar de sua administração e de seu projeto, era uma questão pessoal, pois segundo seu ponto de vista, ele havia buscado a melhor forma de realizar a universidade de Campinas sem a ajuda de ninguém, e agora que a universidade estava quase implantada, muitos queriam confrontar suas ideias.

Com esse raciocínio, Zeferino não admite esse embate e passa a cortar esse tipo de pesquisador. Voltar-se contra ele era o mesmo que pedir demissão, independente de quem fosse, já que a universidade não possuía uma legislação que garantisse estabilidade empregatícia.

Junto com o Jornal O Estado de São Paulo<sup>9</sup>, alguns profissionais da Unicamp iniciaram uma campanha através de reportagens e editoriais críticos a Zeferino Vaz. O principal foco era a universidade “sem leis”, e a permanência do reitor por seis anos consecutivos, o que era contra a legislação da reforma universitária ocorrida em 1968<sup>10</sup>.

Zeferino era mantido no cargo de reitor, acima da lei, por garantias próprias do governador Laudo Natel, que afirmava que enquanto a universidade

---

<sup>9</sup> Jornal brasileiro, fundado, com base nos ideais republicanos, em 4 de janeiro de 1875.

<sup>10</sup> Lei nº 5.540 - 28/11/68. Fixa normas e funcionamento do ensino superior no Brasil.

fosse considerada em implantação ele seria o reitor da universidade, por mais que a nova legislação autorizasse apenas quatro anos de mandato.

Apesar do autoritarismo do reitor, a Unicamp já era considerada uma universidade reconhecida internacionalmente com apenas seis anos de existência. Uma universidade do interior que em pouco tempo se tornou responsável por mais de um terço de todas as teses de pós-graduação produzidas no país.

E fazendo uso de seu prestígio e reconhecimento, o reitor buscou ajuda na imprensa para defender sua posição.

“ajudem-me a defender o nome da Unicamp, pois também está em jogo o nome de Campinas e de São Paulo. Ninguém se interessou pelos problemas da Unicamp enquanto era um embrião. Quando porém ela conseguiu adquirir reputação científica nacional e internacional, graças a centenas de trabalhos originais publicados em revistas científicas estrangeiras, passou a Unicamp a tornar-se presença incomoda e a despertar a agressividade das forças da inveja, da rotina e da mediocridade que não suportam as realizações construtivas das formas do ideal.” GOMES (2002).

A universidade caminhou a passos largos e aos poucos estava se conduzindo sem o olhar atento de seu fundador. Com isso a função de Zeferino Vaz caminhava para o fim.

Aproximava-se também o aniversário de setenta anos do reitor, o que independente da reforma legislativa universitária, obrigaria a aposentadoria e a saída do cargo.

A essa altura, a Unicamp contava com a recém-criada Faculdade de Educação e o Instituto de Biologia. Havia sido a primeira universidade a introduzir o pensador marxista Gramsci em Ciência Política, desafiando o

momento de ditadura no país. Em 1976 foi criado o Instituto de Estudos da Linguagem a partir do embrião criado por Fausto Castilho.

Para o desenvolvimento próspero da universidade observamos desde sua construção as parcerias criadas entre público e privado. Uma dessas parcerias trouxe para Campinas a CPqD<sup>11</sup>, centro onde a Unicamp desenvolvia várias pesquisas na área de telefonia e fibra ótica. Foram oferecidos também cursos para empresários da região em troca do financiamento das pesquisas.

Com tantas realizações, a Unicamp precisava de uma fundação para mediar às relações com as agências de fomento à pesquisa e administrar os convênios de prestação de serviços à sociedade. A Unicamp mantinha grandes contratos de parceria entre empresas e agências de financiamento, entre as quais mantem ainda hoje, CNPq, Capes, Finep, Fapesp. Contando ainda com a parceria entre fundações estrangeiras como a Rockefeller.

Para administrar todos esses e outros contratos, surge a FUNCAMP (Fundação da Unicamp) à qual Zeferino ficaria à frente após sua saída do cargo de reitor.

Para sua saída, Zeferino Vaz articulou junto ao governador Paulo Egydio Martins que Plínio Alves de Moraes, professor titular na Faculdade de Farmácia e Odontologia de Piracicaba, foi o escolhido para substituí-lo.

Apesar de sua saída da reitoria, Zeferino continuava com olhos e mãos firmes na Unicamp. Ele era peça chave e sempre consultado nas grandes

---

<sup>11</sup> Centro de Pesquisa e Desenvolvimento em Telecomunicações com base nas tecnologias da informação e comunicação.

decisões. Segundo relatos, após sua morte, em 1981, é apresentado em GOMES (2007) o depoimento de muitos profissionais que sentiam a Unicamp como uma universidade sem líder e ainda sem regimento definido.

Desde 1969 havia sido assinado um decreto<sup>12</sup> que fixava os Estatutos da Unicamp. E desde essa data ocorreram muitas revisões e modificações, as quais se prosseguiram até a última alteração ocorrida em 2010.

---

<sup>12</sup> Decreto nº 52.255/69.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando e comparando todo o processo de implantação do ensino superior no Brasil, é possível compreender para que finalidade surgem as universidades e escolas profissionalizantes, os interesses por trás da afirmação ou negação desse tipo de instituição.

O ensino no país sempre foi imediatista a fim de sanar problemas presentes sem questionar o futuro. É nesse sentido que temos a criação das escolas profissionalizantes. Primeiro para cuidar da população nas questões administrativas e de saúde, posteriormente para suprir as necessidades da corte portuguesa instalada no Brasil em 1808.

Após longo período de discussão, não podemos considerar que a universidade brasileira seja uma evolução das escolas profissionalizantes, porém, em alguns casos observamos a junção de várias escolas em torno de um estatuto, surgindo assim uma universidade. Mas este não foi, claramente, o caso da Unicamp.

Depois de realizar algumas leituras, a frase de Anísio Teixeira, que inicia esse trabalho e norteou toda reflexão, constatei que a universidade no Brasil não surge para difundir ou conservar conhecimento, muito menos ensinar um ofício. Assim a pesquisa é o tema central da universidade pública brasileira. Foi nesse sentido que procurei compreender o movimento que temos ao longo da história do Brasil sobre o tema universidades.

Visto que o papel da universidade não seria aquele que eu acreditava ser, encontrei um longo percurso pré-universidade, até chegar ao modelo que conhecemos hoje.

Em um contexto de grandes avanços tecnológicos, movimento pela modernização da universidade, em um país instável passando por um momento de ditadura, a Unicamp ao acontecer ela irá herdar toda discussão prévia realizada afim de não ser mais um conglomerado de escolas superiores. Esta será como um centro de pesquisa e busca pelo conhecimento através da ciência.

Diferente das escolas superiores, a Unicamp se fundou sob a perspectiva da universidade moderna com ênfase na pesquisa. Todos os pesquisadores e cursos que chegava a universidade de Campinas tinham por principal meta representar a universidade no país e no exterior. É nesse sentido que ousou dizer que o reitor e fundador da Unicamp, foi acima de tudo um grande empreendedor.

Porém para conseguir colocar a jovem universidade em igualdade com muitas outras no país e no exterior, constatamos que a presença do fundador que permitiu a abertura de tantos caminhos. Tanto para a contratação dos mais diversos pesquisadores, independentes de seus salários, assim como a para a construção de uma cidade universitária.

A Universidade de Campinas além de se diferenciar das demais em vários sentidos, o principal foi sua construção física, onde não era admitido que nenhuma outra escola superior, fora da cidade universitária, fosse agregada ao seu conjunto de faculdades e institutos, pois essas deveriam ser regidas de

acordo com os ideais próprios de seu fundador. Mesmo após observamos a junção das Faculdades de Piracicaba e Limeira.

Assim temos um reitor com grande presença entre os militares da ditadura, com forte influência e parceria com fundações internacionais. Assim, diferente de qualquer outro fundador em outras universidades brasileiras, Zeferino Vaz conseguiu tudo o que projetou devido sua influência pessoal. A Unicamp teve a seu favor todos os recursos da cidade de Campinas, que já era uma metrópole com muitas empresas e empresários interessados na universidade, além de todo arsenal de relações públicas de seu fundador, já apresentado anteriormente.

Comparando a Unicamp à USP, UnB, e outras escolas superiores anteriores a ela, em alguns momentos a Unicamp irá receber influência, em outros terá as últimas como a referência de não fazer igual.

Após a realização dessas leituras, consegui enxergar o questionamento realizado por diversos professores, ao afirmarem que a universidade não forma o profissional-professor, e conclui partindo da minha pergunta inicial: “Porque Universidade?”, que no Brasil, a universidade pública, principalmente a Unicamp, não toma para si a preocupação principal de formar o profissional.

Apesar da dificuldade enfrentada ao longo de mais de quatro séculos sem universidade, hoje temos um ensino superior que conseguiu cumprir seu papel e ingressar mundialmente na pesquisa científica.

As escolas técnicas de nível médio se mantiveram no patamar de formação de mão de obra especializada, a fim de avançar o progresso no país. As universidades como a Unicamp, Usp, Unb, focaram na formação do

pesquisador instigado em encontrar soluções, inovações e respostas para o progresso.

Conseguimos interligar todo o processo pelo qual passou as mais diversas formas de ensino superior no Brasil, enfatizando os fatos importantes, como no caso da Unicamp, ter a seu favor a população campineira, ter a frente de sua implantação um fundador com grandes relações políticas e internacionais, e no caso das universidades brasileiras, a forte influência americana.

Concluo este trabalho enfatizando o importante papel da universidade no Brasil, a qual colaborou significativamente para o desenvolvimento do país e compete paralelamente com universidades que, anteriormente, formaram o espírito universitário brasileiro.

## BIBLIOGRAFIA

### ❖ Livros

AZEVEDO, Fernando de. **A cultura brasileira**. 4<sup>o</sup> edição. São Paulo. Melhoramentos, 1964.

BUARQUE, Cristóvam. **Uma idéia de Universidade**. Brasília. Editora da Universidade de Brasília, 1986.

CAPELATO, Maria Helena Rolim; GLEZER, Raquel e FERLINI, Vera Lúcia Amaral. **Escola uspiana de História**. Estud. av. [online]. 1994, vol.8, n.22, pp. 349-358. ISSN 0103-4014. doi: 10.1590/S0103-40141994000300044.

CASTILHO, Fausto. **O conceito de universidade no projeto da UNICAMP**. (A. G. T. Soares, Entr.). Campinas. Editora Unicamp, 2008.

GOMES, Eustáquio. **O Mandarin: historia da infância da Unicamp**. 2<sup>o</sup> edição. Campinas. Editora da Unicamp, 2007.

FÁVERO, Maria de Lourdes Albuquerque. **A Universidade do Distrito Federal: uma utopia vetada**. Revista Ciência Hoje. Rio de Janeiro, 1996; v.21, nº123, p. 69-7

\_\_\_\_\_. **A Universidade no Brasil: das origens à Reforma Universitária de 1968**. Editora UFPR, 2006.

HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. **História da educação brasileira: leituras**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003

JUNIOR, Francisco Gilson Rebouças Porto. **Anísio Teixeira e a Universidade do Distrito Federal (UDF): Um Retrospecto**. UnB, 2003.

LIMA, Eloi José da Silva. **A criação da UNICAMP: administração e relações de poder numa perspectiva histórica**. Campinas, SP, 1989. 166p. Dissertação (Mestrado em Educação na Área de Administração e Supervisão Educacional) - Faculdade de Educação, UNICAMP.

MARTINS, Carlos Benedito. **Uma reforma necessária**. Educação e Sociedade, Campinas, vol. 27, n. 96 - Especial, p. 1001-1020, out. 2006. Disponível em <http://www.cedes.com.br>. Acesso em 10 mar. 2011.

MELO, Pedro Antonio de. **A Cooperação Universidade/Empresa nas Universidades Públicas Brasileiras: Análise de fatores significativos do clima organizacional da Universidade Federal de Santa Catarina: contribuição para implantação do programa de qualidade**. Florianópolis, 2002. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) - Programa de Pós Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina.

MENDONÇA, Ana Waleska P. Campos. **A universidade no Brasil**. Revista Brasileira de Educação, n.14, p. 131-150, 2000.

NEPOMUCENO, Eric. **O outro lado da moeda: Dílson Funaro: histórias ocultas do cruzado e da moratória**. São Paulo. Siciliano, 1990.

PAIM, Antonio. **Por uma universidade no Rio de Janeiro**. In: Schwartzman, Simon. (org) Universidade e Instituições Científicas no Rio de Janeiro. Brasília: CNPq, 1982.

RIBEIRO, Darcy. **A Invenção da Universidade de Brasília 1961-1995**. Cartas: falas, reflexões, memórias. Brasília: Gabinete do Senador Darcy Ribeiro 1995.

\_\_\_\_\_. **A Universidade Necessária**. 3<sup>o</sup> ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

SAVIANI, Demerval. **As concepções pedagógicas na história da educação brasileira**. Campinas, SP: CNPq. 2005.

SCHWARTZMAN, Simon. Org. **Universidades e instituições científicas no Rio de Janeiro**. Brasília, CNPq, 1982.

TEIXEIRA, Anísio. **Uma perspectiva da educação superior no Brasil**. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Brasília, v.50, n.111, jul./set. 1968. p.21-82.

\_\_\_\_\_, RAMOS, Jairo e CARDOSO, Fernando Henrique. **Universidade de Brasília**. Anhembi. São Paulo, v.11, n.128, jul. 1961. p.259-267.

\_\_\_\_\_. **Educação e universidade**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

\_\_\_\_\_. **Ensino superior no Brasil: análise e interpretação de sua evolução até 1969**. Rio de Janeiro: Ed. FGV. 1989

\_\_\_\_\_. **A universidade de ontem e de hoje**. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Rio de Janeiro, v.42, n. 95, jul./set. 1964. p. 27-47.

\_\_\_\_\_. **Educação no Brasil**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1969.

#### ❖ Artigo de Jornal

CORREIO DO POVO. **Frases irreprimíveis da semana**. Correio do Povo. Porto Alegre, 14 jan. 1962.